

# Representações do humor feminino nos quadrinhos de Conceição Cahú

## *Representations of female humor in the comics of Conceição Cahú*



Alberto Ricardo Pessoa<sup>1</sup>  
Universidade Federal da Paraíba

1. Mestre em Artes Visuais pela Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP-SP) e Doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo, SP. Professor do Curso de Graduação em Comunicação em Mídias Digitais da Universidade Federal da Paraíba - UFPB e do programa de Pós Graduação Associado em Artes Visuais UFPB/UFPE.

**Resumo:** Disserta acerca das representações do humor feminino nos quadrinhos, com ênfase no estudo de caso de *Uma História de Amor*, de autoria de Conceição Cahú, premiada no 19º Salão de Humor de Piracicaba. Apresenta uma introdução à autora, o contexto social no qual se desenvolve como quadrinista e seu legado criativo para as histórias em quadrinhos brasileiras. A quadrinista pernambucana foi pioneira em apresentar uma maneira peculiar de construção do humor feminino, no qual apresenta a mulher no cotidiano da sociedade como um ser protagonista de suas ações e livre das barreiras sociais que o preconceito heteronormativo conservador possui. Os estudos acerca das autoras de histórias em quadrinhos vêm crescendo de maneira exponencial, mas enfrentam um problema peculiar, a falta de registro desses quadrinhos, principalmente quando analisamos a produção de autoras dos primórdios dos quadrinhos até a geração pré internet. Conceição Cahú é um caso raro de autora que possui um escopo artístico preservado, de longa carreira e do qual temos acesso a fontes primárias. O método de investigação é o estudo de caso e revisão bibliográfica narrativa de autores que investigam o humor na arte sequencial, além da análise do discurso da autora realizado na história em quadrinhos “Uma história de amor”. Os resultados esperados buscam comprovar a hipótese de que Conceição Cahú apresenta um discurso humorístico com traços ingênuos, grotescos e com diálogo de contraponto constante com os estereótipos femininos criados por autores masculinos.

**Palavras-chave:** Histórias em quadrinhos. Humor. Feminino. Conceição Cahú.

**Abstract:** Discusses the representations of female humor in comics, with emphasis on the case study of “A Love Story”, by Conceição Cahú, awarded at the 19th Humor Hall of Piracicaba. Presents an introduction to the author, the social context in which she works as a cartoonist and her creative legacy for Brazilian comics. The comics artist from Pernambuco was a pioneer in presenting a peculiar way of constructing the feminine humor, presenting the woman as a protagonist of her actions in the daily life of society, and also free from the social barriers that the conservative heteronormative prejudice contains. The studies about the women cartoonists have increased exponentially, but they deal with a peculiar problem, the lack of registration of these comics, especially when we analyze the production of female authors from the beginnings of comics to the pre-internet generation. Conceição Cahú is a rare case of female author who has a preserved production and a long career in comics, allowing us to have access to primary sources. The research method is the case study and bibliographical narrative review of authors that investigate the humor in the sequential art, besides the analysis of the author’s discourse in the comics “A Love Story”. The expected results aim to demonstrate the hypothesis that Conceição Cahú presents a naïve humorous discourse, but also with grotesque traits and with constant counterpoint dialogue with the female stereotypes created by male authors.

**Keywords:** Comic books. Humor. Feminine. Conceição Cahú.

## Introdução

O objetivo deste artigo é compreender, por meio de dobramentos discursivos verbais e não verbais, novas perspectivas de humor que as histórias em quadrinhos heteronormativas e criadas por homens não contemplam, por abranger outros espectros sociais.

Entendemos que, na contemporaneidade, autoras de histórias em quadrinhos são mais reconhecidas pelo seus trabalhos e discursos, mas esse é um fenômeno recente e a produção dessas autoras ainda é incipiente, apesar de podermos afirmar que o processo de desconstrução do estereótipo de que quadrinhos é algo para meninos é um conceito em franco desenvolvimento. Da mesma forma, a impressão de que as mulheres só recentemente passaram a produzir quadrinhos também precisa ser revisada.

Conceição Cahú foi uma artista completa na acepção da palavra e por meio de suas pinturas, charges de cunho político, cartuns com opiniões acerca de temas atemporais e fundamentais na nossa sociedade, caricaturas com uma técnica de bico de pena que hoje em dia são um ponto de referência entre artistas, bem como quadrinhos publicados em diversos jornais, revistas, antologias e salões, foi capaz de apresentar uma visão pioneira acerca de empoderamento social. É o que pretendemos demonstrar aqui, com a análise da obra "Uma história de Amor".

A autora fez a sua carreira de exceção, uma vez que mulheres profissionais na área eram pouco citadas. Uma hipótese que levantamos é que estudos de revisão bibliográfica narrativa podem demonstrar que o preconceito no meio era tamanho que muitas mulheres assinavam com heterônimos masculinos ou andrógenos, como a autora analisada no presente artigo, que assinava como Cahú, apenas.

A amostra que iremos analisar é uma pequena história em quadrinhos que possui relevância ímpar, uma vez que foi premiada no Salão de Humor de Piracicaba em 1991, momento em que o Salão era considerado

o principal salão de humor da América Latina e os quadrinistas brasileiros estavam iniciando uma produção de quadrinhos de super-heróis para o mercado americano.

De maneira antagônica, Conceição Cahú vai na contramão da tendência e narra o encontro sexual de um casal heteronormativo no qual o homem, ao se defrontar com a negativa da parceira em ter relações sexuais sem preservativos emprega um discurso machista que é confrontado pela argumentação da protagonista. A partir desse momento temos uma narrativa que trava um contexto único para a época de criação e que ressoa entre as autoras atuais.

Apesar de ter uma obra longa e bastante documentada, Conceição Cahú não é uma artista devidamente reconhecida, assim como a maioria das autoras que são ausências na maioria dos estudos acerca da história das histórias em quadrinhos.

Em relação aos estudos de autoras em quadrinhos no Brasil, entendemos que este artigo se apresenta como uma contribuição para área, uma vez que ainda é relativamente incipiente a publicação de estudos e pesquisas sobre a produção feminina de quadrinhos.

A hipótese que apresentamos neste artigo é a de que as autoras de histórias em quadrinhos possuem um discurso verbal e não verbal peculiar, de caráter ingênuo, mas composto por heterodiscursos singulares que destoam dos discursos estereotipados de autores masculinos. Assim, partimos do princípio de que entender o discurso gráfico e textual dessa autora é apresentar novas possibilidades de narrativas que contribuem para a renovação das histórias em quadrinhos enquanto meio de criação e leitura.

## 1 - Fundamentação Teórica

Nosso aporte teórico é oriundo de uma estratégia interdisciplinar de leitura, uma vez que as histórias em quadrinhos são um meio de comunicação que compreende diversas áreas de conhecimento e uma fundamentação teórica unidimensional não contempla a necessidade que as histórias em quadrinhos possuem para análise de seus

elementos discursivos verbais e não verbais.

A necessidade de uma visão interdisciplinar é enfatizada pelo recorte e direcionamento deste artigo, que argumenta que há uma variável na abordagem do humor nos quadrinhos quando observamos o trabalho sob o viés do gênero de seu autor, no caso, a mulher.

Desde sua criação, as histórias em quadrinhos tiveram como seu público alvo a criança e adolescente, com ênfase no adolescente ocidental heteronormativo de classe social mediana. A representação da mulher nos quadrinhos, seja ela gráfica, profissional ou artística, não raro foi de natureza coadjuvante e jocosa, uma vez que, segundo Aline Moraes Viana (2013, p.58)

(...) as tiras representam jogos interativos explícitos na composição dos personagens e na sua construção narrativa. O autor das tiras parte do jogo interacional projetado pelos personagens para produzir humor, denunciar ou criticar atuações e comportamentos de indivíduos de um grupo social.

Os estudos acerca das obras de autoras em quadrinhos estão em franco crescimento, o que contrasta com o esquecimento do tema no século XX por parte dos pesquisadores em escala mundial. Dito isso, encontramos em pesquisadores contemporâneos como Trina Robbins (2018), Lauren McCubbin (2016) ensaios acerca da presença de autoras no contexto contemporâneo das histórias em quadrinhos. Ao realizarmos um recorte territorial, que é de uma autora brasileira de histórias em quadrinhos, as pesquisas referenciais são incipientes e assim não obtivemos relatos analíticos de resultados de pesquisas anteriores similares ao artigo.

Dito isso, as teorias que formarão a base da pesquisa e que dialogam em torno da análise do quadrinho de Conceição Cahú restringe-se à teoria do humor.

Entendemos que o humor nos quadrinhos de Conceição Cahú é análogo

ao humor feminino por concordarmos com a premissa de que o ato de rir é mais que uma função orgânica do ser humano, mas um ato de socialização com códigos universais e específicos de cada grupo social que interage e cria certa cumplicidade e laços estreitos no circuito do riso espontâneo. O humor de um autor de histórias em quadrinhos possui uma relação intrínseca, de coleguismo e amizade com o seu leitor alvo, que no, caso de Conceição Cahú, eram as mulheres.

Segundo Saliba, citando Robert Provine (2017, p. 4),

Temos 30 vezes mais chance de rir quando estamos com outras pessoas do que quando estamos sozinhos – desde que não levemos em conta os ambientes sociais simulados, como o riso gravado em programas de TV; e, de fato, quando estamos sozinhos, é mais comum falarmos em voz alta do que rimos – argumentou Provine.

Partimos da premissa que o humor de Conceição Cahú é uma forma de expressão e enfrentamento social, assumindo, dentre suas diferentes formas uma resolução de conflitos acerca de diversos problemas heteronormativos que a mulher enfrenta em seu cotidiano, tal como o machismo e seus desdobramentos, tais como violência, feminicídio, o bloqueio sexual e dependência do masculino.

Ainda segundo Saliba, citando Matthew M Hurley, Daniel Dennett e Reginald Adams Jr. (2017, p.5),

(...) o cérebro humano é análogo ao computador e o riso é visto como um mecanismo mental de recompensa a uma certa tarefa ou conflito – sendo, neste caso, o humor daí resultante definido, por analogia, como um tipo de algoritmo que a mente humana utiliza com largas funções adaptativas: uma “engenharia reversa da cérebro”, como diz o próprio título do livro citado. Toda

reação humorística assim seria “parte do mecanismo emocional que encoraja o processo que mantém a integridade dos dados da nossa representação cognitiva”. Neste caso, o mecanismo da alegria seria uma emoção especial, entre muitas outras que se desdobram em várias “emoções epistêmicas” como, por exemplo, a fruição de uma obra de arte, plástica ou musical.

Esta história em quadrinhos poderia ser escrita e ilustrada por um homem, mas quando analisamos a autoria e seu discurso, entendemos que Conceição Cahú cria muito mais que uma história fictícia, mas um relato de enfrentamento de uma mulher negra, inserida em uma sociedade predominantemente machista e em um ofício profissional que por muitos anos relegou tanto profissional quanto público feminino a uma leitura coadjuvante.

A história em quadrinhos é um meio de expressão que cria interatividade por meio do humor entre autor e leitor. Ao analisarmos a construção da comunicação das histórias em quadrinhos, concordamos com Aline Moraes Viana (2013, p. 58, que entende que:

(...) no primeiro esquema interacional, o autor opera com os personagens de modo que esquemas de conhecimento são postos em comparação/ contraste através das pistas de contextualização oferecidas (verbal/ não-verbal), podendo gerar divergências de expectativas nos leitores. Esse estranhamento ocorre porque as estruturas de expectativas dos esquemas de conhecimento projetadas pelos personagens são quebradas intencionalmente. No segundo esquema, o leitor das tiras constrói o humor, através da operação e da comparação desses esquemas de conhecimento e da sua quebra

de expectativa ao perceber que o contexto, inicialmente proposto, rompeu com o esperado. Se espera do leitor, desta forma, que utilize os esquemas de conhecimento para construir sentidos.

## 2 - Métodos

Os estudos em histórias em quadrinhos contemplam em sua grande maioria, análise acerca de escritores, artistas e pesquisadores masculinos. Autores como Will Eisner, Danielle Barbieri são exemplos de como ao longo do Séc. XX as autoras de histórias em quadrinhos foram negligenciadas ou sequer cogitadas como temas de estudo acadêmico.

A amostragem para o referido artigo teve como parâmetro a relevância da história, o evento no qual foi publicado e seu reconhecimento de público e crítica. O Salão de Humor de Piracicaba é considerado um dos mais tradicionais e relevantes da América Latina e, ao premiar a artista, reconhece a originalidade e peculiaridades do humor feminino.

Desta amostragem de Conceição Cahú, podemos analisar o humor feminino de uma artista que trabalhou em um contexto de exceção profissional de cartunistas, quadrinistas e editores de histórias em quadrinhos heteronormativos.

O instrumento de pesquisa que é utilizado neste artigo é documental, tendo como fonte primária a história em quadrinhos de Conceição Cahú, premiada e publicada pelo Salão de Humor de Piracicaba. A revisão bibliográfica tem por objetivo construir uma linha cronológica e narrativa entre autoras que publicaram antes e contemporâneas à Conceição Cahú.

Não temos material de pesquisa que aponte que a artista conheceu essas artistas ou que estabeleceu diálogo com elas, mas por afirmarmos que o humor é uma ação social e compartilhada entre grupos de pensamentos semelhantes, entendemos que criar essa narrativa cronológica de autoras demonstra que o discurso de Conceição Cahú não era

um eco isolado, mas consonante com o que as autoras de histórias em quadrinhos estavam discutindo com seus trabalhos.

Conceição Cahú foi uma artista gráfica que iniciou suas atividades artísticas na década de 1970. Apesar de iniciar a carreira em Recife, é em São Paulo que a autora começa a trabalhar em grandes editoras como a Abril e mais tarde em Jornais como a *Folha de S. Paulo*, o *Jornal da Tarde*, a *Gazeta Mercantil* e o *Diário do Comércio Indústria & Serviços*.

Conceição Cahú trabalhou nos principais gêneros gráficos publicados em jornais e revistas no país. No recorte de nosso artigo, iremos apenas analisar o seu trabalho como autora de histórias em quadrinhos, porém é importante ressaltar o seu corpus artístico nas áreas da ilustração, charge e cartum, uma vez que, antes da artista, poucas mulheres possuem créditos em publicações.

As mulheres encontraram no universo das histórias em quadrinhos diversas dificuldades de inserção, tais como abster de ter seus nomes como autoras e trocar por pseudônimos, produzir material de direcionamento heteronormativo ou para uma formação estereotipada da mulher dona de casa, casada e uma predominância de personagens e histórias voltadas para o público masculino.

Esse fator faz com que os dados acerca das pioneiras das histórias em quadrinhos sejam difusos e até mesmo controversos.

Um exemplo é a hipótese acerca do criador do anti-herói Garra Cinzenta. A história foi desenhada por um desenhista brasileiro bastante relevante naquela época, Renato Silva, e escrita por um discreto autor chamado Francisco Armond. Garra Cinzenta é considerada a primeira história brasileira a apresentar um anti-herói como protagonista de uma série de histórias em quadrinhos. Segundo Worney Almeida de Souza (2011, p. 8),

(...) a primeira grande narrativa policial dos quadrinhos brasileiros, publicada originalmente em cem capítulos de uma página cada em

A Gazetinha entre 1937 e 1939, permaneceu na obscuridade por décadas. O primeiro capítulo saiu na edição de número 235, de 27 de julho de 1937. E com um mistério adicional: ninguém sabe com certeza quem seria Francisco Armond. Todos os indícios sugerem que fosse a jornalista Helena Ferraz, mas ela nunca assumiu a autoria publicamente.

Trata-se de uma série que apresenta a essência do gênero *noir*, com o cômico representado pelo grotesco e o humor negro. A violência e o fetiche sadomasoquista são elementos coadjuvantes mas fundamentais para o entendimento da trama, uma vez que os personagens principais são caracterizados assim.

Apesar de diversos indícios apontarem para a autora Helena Ferraz como a verdadeira criadora de Garra Cinzenta, não há como afirmar isso de forma categórica. Segundo Worney de Almeida Souza (2011, p.25)

Quanto a ela nunca ter assumido tal autoria, a explicação estaria no fato de que havia não só o preconceito contra os quadrinhos, mas também o preconceito maior ainda contra mulheres que escrevessem tal coisa.

Uma antecessora de Conceição Cahú e que fez carreira como autora de histórias em quadrinhos, chargista, cartunista e caricaturista é Hilde Weber (1914-1994). Artista de origem alemã, trabalhou no Brasil a partir de 1933, passando a colaborar em diversos jornais e revistas como *Folha de S. Paulo*, *Manchete*, *O Cruzeiro* e *Noite Ilustrada*. Na década de 1950, destacaram-se as caricaturas e histórias em quadrinhos que Weber realizou em crítica ao governo Getúlio Vargas.

Tanto Conceição Cahú quanto Hilde Weber possuem o escopo principal de sua carreira na imprensa, com o uso do humor

para contextualizar o momento político do país. No entanto, Conceição Cahú se desenvolve enquanto artista no âmago da contracultura, o que faz com que expresse um discurso autoral de contestação do lugar comum das histórias em quadrinhos heteronormativas.

### 3 - Contracultura e influências

Os autores de histórias em quadrinhos foram criadores que ao longo do tempo souberam se adaptar aos avanços tecnológicos, bem como escrever histórias, criar personagens e discorrer acerca de assuntos contemporâneos à sociedade. A contracultura trouxe publicações independentes e comercializadas pelos próprios autores. Assim, a produção de histórias em quadrinhos em pequenos meios, com a comercialização fora do contexto de grandes editoras, jornais ou sindicatos, fez com que novos autores surgissem com propostas ousadas tanto na arte quanto no discurso. Segundo Dan Mazur e Alexander Danner (2014, p.23),

Em 25 de fevereiro de 1968, Robert Crumb e Dana, sua mulher na época, começaram a vender exemplares de *Zap Comix* n.1 num carrinho de bebê pelas ruas de Haight Ashbury, em São Francisco. A alegre coleção de poucas páginas dos quadrinhos escandalosamente sem censura de Crumb foi um sucesso instantâneo entre moradores, hippies pós-Verão do Amor. Começava o Movimento Underground dos quadrinhos Norte-Americanos.

Escritoras, artistas e entusiastas passaram a criar conteúdo para histórias em quadrinhos e compartilhar em antologias e revistas. O fenômeno foi global e esteve presente em diversos gêneros das histórias em quadrinhos.

Dentro de um contexto alternativo, Conceição Cahú foi ilustradora e quadrinista

na revista *Nós Mulheres*, da Associação de Mulheres, na década de 1970, a qual, para evitar a censura que vigorava à época, usou o humor para criar um estreitamento informacional e de diálogo com seu leitor. Devido à importante fonte histórica que o jornal se tornou, consideramos a hipótese de também ter influenciado no trabalho autoral de Conceição Cahú, tornando-o mais propositivo e de questionamento da condição de igualdade de gênero na sociedade.

Nos *comics underground*, histórias em quadrinhos produzidas nos Estados Unidos e publicadas de maneira independente, podemos observar o surgimento de autoras que, assim como Conceição Cahú, passaram a escrever com base em seu imaginário, histórias acerca do próprio cotidiano, com o humor ácido e estilo calcado no cartum, que privilegia a distorção da forma para exagerar nos efeitos dramáticos da mensagem.

Diferentemente da maioria das autoras do *comics underground*, Conceição Cahú tinha um trabalho artístico de primor profissional, sendo inclusive, reconhecida como mestre na técnica do bico de pena, estilo bastante usado na época.

Não temos como afirmar se Conceição Cahú foi diretamente influenciada pelo movimento *underground* americano ou pelas suas autoras, mas a artista conviveu com quadrinistas brasileiros que construíram o gênero alternativo brasileiro, o chamado *udigrudi*. Dentre os principais artistas que Cahú teve contato, destacamos Henfil, que Waldomiro Vergueiro (2017, p.118) analisa ao citar Rozeny Silva Seixas (1996), pesquisadora da obra de Henfil:

Desenhados em estilo *underground*, as mensagens apresentadas nas histórias em quadrinhos e tiras diárias produzidas por Henfil eram extremamente cáusticas ao panorama social predominante, proporcionando aos leitores uma



forma de compensação catártica em relação àquilo que eles viviam cotidianamente.

Outro artista que influencia Conceição Cahú é Carlos Zéfiro, pseudônimo de Alcides Aguiar Caminha (1921-1992). A artista cria “Uma história de Amor” no ano de falecimento de Zéfiro e o homenageia na primeira página da história, além de criar uma narrativa próxima às narrativas do autor, conforme iremos demonstrar na última parte do artigo. Segundo Waldomiro Vergueiro (2017, p.121),

(...) Carlos Zéfiro chegou a criar mais de quinhentas histórias. Dono de um traço bastante singular - ainda que com pouca sofisticação - , ele foi autor de histórias que atiçaram a imaginação de seus leitores. Suas obras eram em geral escritas em primeira pessoa, de forma a fazer com que o leitor - presumivelmente, alguém do sexo masculino - se identificasse com o protagonista. Mas ele também elaborou várias histórias em que o papel principal era reservado a uma mulher, que relatava aos leitores as suas aventuras, desventuras ou peripécias sexuais.

A referida homenagem não é à toa. Autor dos chamados catecismos (livros artesanais impressos em máquinas de fotocópia de pequeno formato e tiragem) , Carlos Zéfiro foi um criador de quadrinhos pornográficos no período de Golpe de Estado dos militares brasileiros, em 1964.

#### 4 - Resultados e discussão

“Uma história de amor” (Fig. 1) foi exposta e premiada na 19ª edição do Salão de Humor de Piracicaba e não foi publicada em nenhuma antologia ou revista desde então. O gênero da história é o de humor e é um desdobramento narrativo comum no Brasil, que são as histórias em quadrinhos

curtas, entre 01 a 05 páginas, e que possui uma estrutura básica de narrativa em quadrinhos, na qual, segundo Aline Moraes Viana (2013, p, 58),

(...) todas as cláusulas narrativas observadas na HQ são caracterizadas, em geral, por obedecer a uma ordem linear de eventos. Essa sequência de ações encadeadas (sob distintas formas) oferecem ao texto um desenvolvimento progressivo que, na maioria das vezes, se caracteriza pela tríade início, meio e fim; que constitui um enredo. Essas etapas narrativas se estruturam em termos de uma situação inicial de algo/alguém, que realiza algo, seguindo-se uma transformação da situação anteriormente apresentada, para enfim obter-se um desfecho final. A HQ é formada, concomitantemente pelo modo de organização narrativo por meio dessa sequência de ações lineares quadro – a – quadro e pelos balões, que sinalizam as falas das personagens, sendo que a descrição está nas imagens que elaboram informações detalhadas sobre o ambiente em que se desencadeiam a cena e as expressões faciais dos personagens.

Esse formato tornou-se popular no país por se tratar do principal meio de publicação entre os autores nacionais que, na sua grande maioria, eram publicados por editoras que não detinham direitos de histórias e personagens estrangeiros. A viabilização econômica para as revistas eram coletâneas com diversos autores, do qual o editor podia publicar sob diversas alegações, desde a de propiciar uma divulgação do artista, até justificar um pagamento, muitas vezes simbólico, pela história.

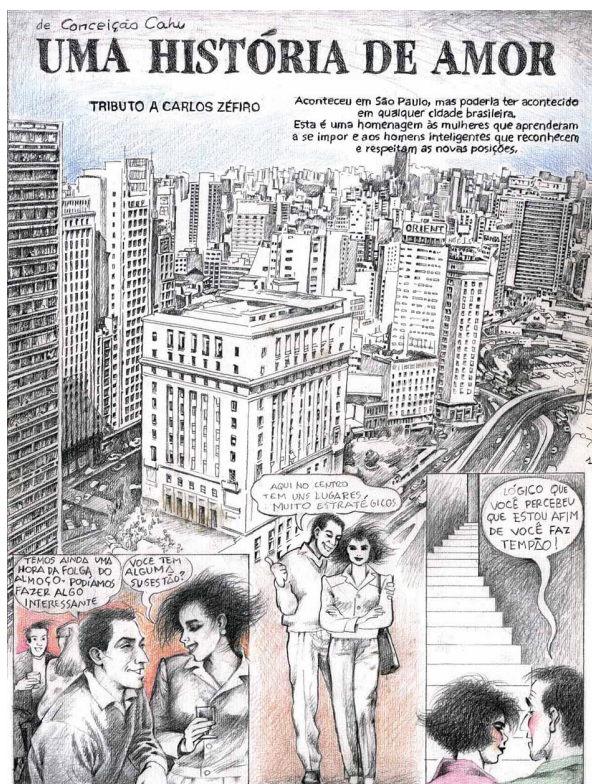


Figura 1 - "Uma história de amor", pag. 1, de Conceição Cahú.  
 Fonte: Salão de Humor de Piracicaba, 2018, <http://salaointernacionaldehumor.com.br/sem-categoria/19o-salao-de-humor-de-piracicaba-1992>.

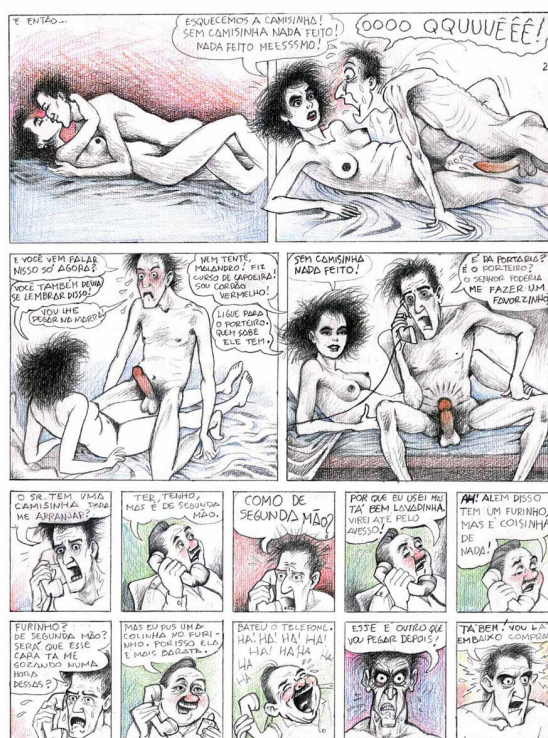


Figura 2 - "Uma história de amor", p. 2, de Conceição Cahú.  
 Fonte: Salão de Humor de Piracicaba, 2018, <http://salaointernacionaldehumor.com.br/sem-categoria/19o-salao-de-humor-de-piracicaba-1992>.

Dito isso, iremos apresentar a história para a leitura na íntegra e, posteriormente, analisar as representações do humor feminino contidas no trabalho de Conceição Cahú.

Na primeira página (Fig. 1) a autora faz uma página de apresentação ao leitor, com a cidade em uma vista aérea, com os protagonistas da história e uma narrativa que propõe ao leitor a continuação da trama na segunda página. Para um leitor comum, sem repertório prévio, não dá para saber qual será o gênero da história, uma vez que os personagens são retratados sem distorções, exageros ou em uma situação de conflito.

Há consenso em toda a cena, tanto na paisagem quanto no diálogo do casal. A estética da página é idealizada e reforça estereótipos do belo ao leitor. Por fim, é uma história em quadrinhos que utiliza a cor não como meio de reforçar a sensação de realismo, mas como meio de comunicação. O vermelho que moldura o casal que está prestes a ter uma relação sexual é um exemplo do uso da cor como comunicação.

A menção ao autor de histórias pornográficas Carlos Zéfiro é um ponto importante de subversão do estereótipo da leitora contemporânea à autora, uma vez que os Catecismos de Zéfiro eram produzidos para o público predominantemente masculino. Nossa hipótese é que Conceição Cahú alega que sim, as mulheres também liam quadrinhos pornográficos.

Em uma história curta, o ponto de conflito da história deve ser apresentado na primeira ou segunda página, uma vez que são poucas páginas para a história ter um desfecho ou uma situação de resolução de problema. Assim, Conceição Cahú estabelece um primeiro quadro de transição entre o belo (desenho naturalista) e o grotesco (desenho estilizado) e no segundo quadro propõe, por meio da deformação do cartum, a situação de conflito, reforçada pelos textos e seus conectivos, como o balão de texto.

Aqui conhecemos a personalidade dos personagens e, nesse momento, o discurso de Cahú surge ao colocar no texto verbal e não verbal da mulher um arcabouço de emancipação e independência. Ao mesmo tempo, o homem



enfrenta um processo de reconfiguração. Do homem bonito e educado surge um ser caricato, rude, machista e imaturo no que se refere a resolução de problemas. Segundo Will Eisner (2010, p.106),

Nas histórias em quadrinhos, a postura do corpo e o gesto têm primazia sobre o texto. A maneira como são empregadas essas imagens modifica e define o significado que se pretende dar às palavras. Por meio da sua relevância para experiência do leitor, podem invocar uma nuance de emoção e dar inflexão audível à voz do falante.

Conceição Cahú utiliza de um recurso característico, convidar o leitor a ser protagonista da leitura ao determinar o próprio ritmo de leitura e, assim, da conversa entre protagonista e porteiro.

Na página 3, apresenta-se uma sequência de closes na mulher até a cena se expandir ao apresentar ao leitor o clímax da história, com o susto da mulher ao perceber que algo aconteceu ao rapaz. Nesse contexto Conceição Cahú utiliza o recurso da onomatopeia para assim reforçar a concepção de que algo está acontecendo na rua. Segundo Will Eisner (2010, p.24),

Uma história em quadrinhos torna-se “real” quando o tempo e o timing passam a ser componentes ativos da criação. Na música ou em outras formas de comunicação sonora, em que se consegue ritmo ou “cadência”, isso é feito com extensões reais de tempo. Nas artes gráficas, essa sensação é expressa por meio do uso de ilusões e símbolos e do seu ordenamento.

Nessa página há a intersecção entre o realista e o estilizado na representação gráfica dos personagens. O homem está menos estilizado que na página 2 e menos idealizado que na página 1, assim como ambos estão mais harmônicos do que na página 2 e ao mesmo tempo mais distantes que na página 1.

A página 4 apresenta um final

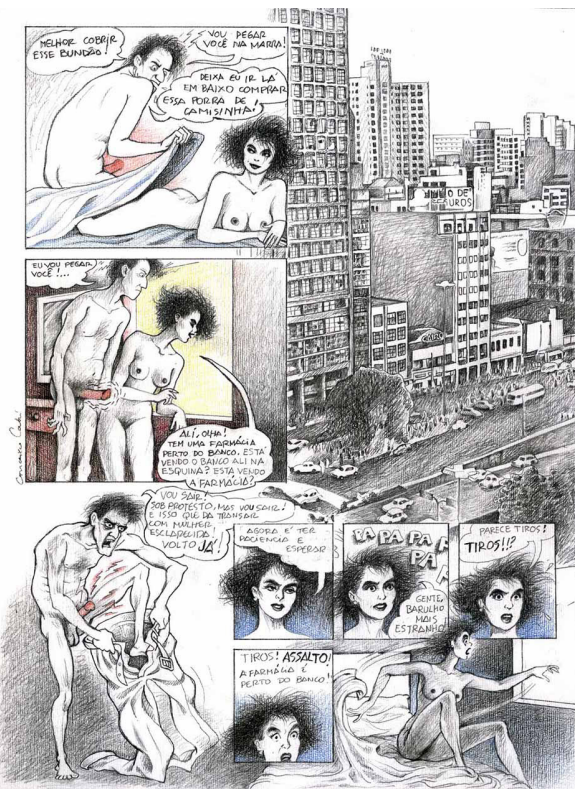


Figura 3 - “Uma história de amor”, p. 3, de Conceição Cahú.  
Fonte: Salão de Humor de Piracicaba, 2018, <http://salaointernacionaldehumor.com.br/sem-categoria/19o-salao-de-humor-de-piracicaba-1992>.



Figura 4 - “Uma história de amor”, p. 4, de Conceição Cahú.  
Fonte: Salão de Humor de Piracicaba, 2018, <http://salaointernacionaldehumor.com.br/sem-categoria/19o-salao-de-humor-de-piracicaba-1992>.

conservador, tanto no texto verbal, não verbal e na composição narrativa, o qual destoa da história como um todo, mas que faz sentido dentro da trajetória criativa de Conceição Cahú. Os personagens deixam de ser caracterizados de maneira estilizada

para uma estrutura mais naturalista e bela, o que remete à direção de arte da página 1. Aqui a protagonista cede lugar ao processo de reinvenção do personagem masculino e assim se alinha ao cotidiano comum da protagonista.



Figura 5 - Rostos dos personagens de "Uma história de amor", de Conceição Cahú. Fonte: Salão de Humor de Piracicaba, 2018, <http://salaointernacionaldehumor.com.br/sem-categoria/190-salao-de-humor-de-piracicaba-1992>.

Ao analisarmos a evolução gráfica dos rostos dos personagens ao longo da narrativa, iremos verificar que apenas o homem passa por um processo cômico de caracterizado pela estilização. A mulher possui poucas alterações e é desenhada com a estética do belo, com traços arredondados e delicados. Em uma história curta, os rostos dos personagens são essenciais para a compreensão da história. Segundo Will Eisner (2010, p.114),

Seu papel na comunicação é registrar emoções. Nessa superfície, o leitor espera que os elementos móveis revelem uma emoção e um ato como um advérbio da postura ou gesto do corpo. Graças a essa relação, a

cabeça (ou rosto) é usada com frequência pelos artistas para expressar a mensagem inteira do movimento corporal. É a parte do corpo com a qual o leitor está mais familiarizado. (...) A partir da leitura de um rosto, as pessoas fazem julgamentos diários, arriscam o seu dinheiro, o seu futuro político e as suas relações sentimentais.

O diálogo entre humor e imaginação de Conceição Cahú é sintetizado na forma em que a autora representa graficamente o pênis e a vagina dos personagens. Enquanto a vagina da protagonista é apresentada de forma discreta, remetendo à censura com



braços, sombras e objetos escondendo o sexo da personagem, o pênis tem uma condição oposta.

O pênis é um personagem ativo na história e é uma imagem que desperta dualidade e simbolismo por meio da rítmica sexual.

De todos os elementos gráficos apresentados pela artista, o pênis é o único que possui cor, linhas de expressão, ritmo de movimento e, mesmo reconfigurado, seja embaixo de uma coberta ou no formato de uma camisinha, o pênis comunica e se apresenta como um ser à parte dos dois personagens, que se posiciona como uma linha de humor da autora.

O tom jocoso com o pênis do personagem destoa do humor masculino contemporâneo a Conceição Cahú e demonstra que o gênero possui peculiaridades no que se refere à comunicação do humor.

#### Considerações Finais

A observação da narrativa, concepção gráfica dos personagens, animação rítmica dos símbolos, a subversão do fálcio e o conservadorismo social revelam o universo imaginário de Conceição Cahú nas histórias em quadrinhos. A protagonista empoderada, desejada e longe do estereótipo da garota frágil e sensível é colocada em justaposição com um personagem que passa por um chamado, enfrenta um desafio, entra em crise e sai reconfigurado como um novo homem que é capaz de se relacionar com uma mulher protagonista de suas ações.

O estudo de um fragmento da obra de Conceição Cahú não é capaz de avaliar o todo da carreira da quadrinista, mas abre um leque para a reflexão acerca da história das histórias em quadrinhos pelo viés das autoras, que é ofuscado pelos pesquisadores, críticos e até mesmo pelos próprios autores de histórias em quadrinhos. A impressão que esses pesquisadores passam é de que as mulheres não produziram histórias ao longo da trajetória do desenvolvimento dessa linguagem, ou, se produziram, não foi um escopo relevante.

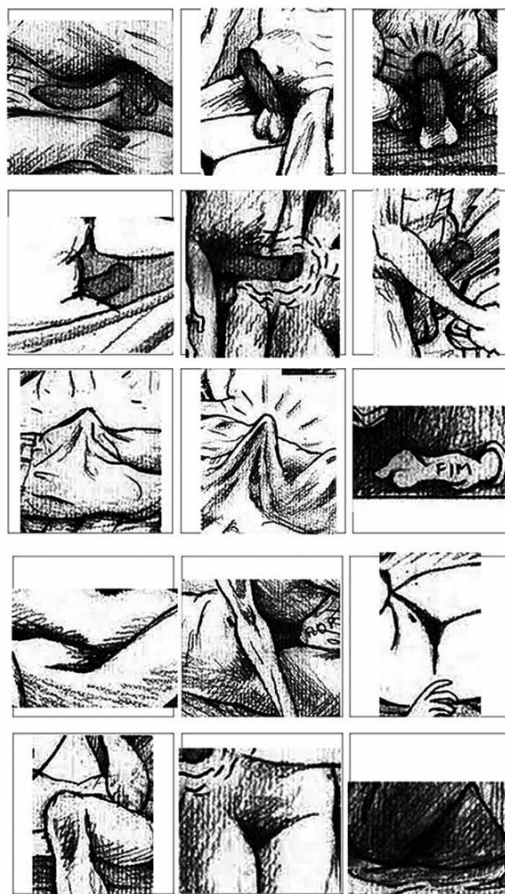


Figura 4 - "Uma história de amor", p. 4, de Conceição Cahú.  
Fonte: Salão de Humor de Piracicaba, 2018, <http://salaointernacionaldehumor.com.br/sem-categoria/19o-salao-de-humor-de-piracicaba-1992>.

Ao apresentar a obra de Conceição Cahú como um exemplo do humor feminino nos quadrinhos no Brasil, desmistificamos esse pensamento e buscamos com isso um veio de pesquisa que até o momento é pouco explorado pelos pesquisadores de histórias em quadrinhos, que é analisar as biografias dessas autoras.

Não se trata de um desafio simples. A maioria das autoras da primeira metade do século XX produziu sob pseudônimos ou migrou para outros mercados como ilustração, design e artes visuais. Na contracultura, as autoras produziram muito material em revistas *underground* de natureza precária e com dificuldade de catalogação e é somente com a cultura de conexão que conseguimos ter uma noção do grande contingente de autoras que decidiram se expressar por meio das histórias em quadrinhos.

Conceição Cahú é uma exceção no que se refere à catalogação das obras, uma vez que a artista possui um memorial em sua homenagem em Floresta, Pernambuco, mas cabe aos pesquisadores garimpar e traçar um panorama das autoras das histórias em quadrinhos. Em outros países, como o Japão, temos uma produção feminina fartamente documentada, mas no Brasil, na realidade, estamos em estágio inicial de pesquisa.

Conceição Cahú representa o humor feminino nos quadrinhos no Brasil. É um humor que não possui receio de apresentar suas referências. Ao anunciar que seu trabalho faz uma homenagem a Carlos Zéfiro, a autora subverte e se posiciona acerca do consumo feminino da sua geração quanto à pornografia, que foi majoritariamente capitaneado pelos catecismos eróticos de Zéfiro.

É importante frisar que “Uma História de Amor” possui uma história comum, com desenvolvimento e final conservador, que reflete em grande parte as histórias cotidianas da sociedade brasileira. O diferencial consiste no senso de protagonismo, ao impor o uso da camisinha, não temer o machismo do personagem por ser uma capoeirista, a ironia e o grotesco do homem e o pênis como um ser de vida própria, marcas de humor que não são comuns nos quadrinhos feitos por homens.

### Referências

CAHÚ, Conceição. *Uma História de Amor*. Piracicaba. Salão de Humor de Piracicaba, 2018. Disponível em: <http://salaointernacionaldehumor.com.br/sem-categoria/19o-salao-de-humor-de-piracicaba-1992/>. Acesso em: 15 ago. 2018.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MAZUR Dan, DANNER Alexander. *Quadrinhos: história moderna de uma arte global*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

MCCUBBIN, Laurenn. *The not-so-secret history of comics drawn by women* Disponível em: [https://www.theguardian.com/books/2016/jan/10/women-comics-not-](https://www.theguardian.com/books/2016/jan/10/women-comics-not-so-secret-history)

[so-secret-history](https://www.theguardian.com/books/2016/jan/10/women-comics-not-so-secret-history). Acesso em 01 mar. 2020.

ROBBINS, Trina. *Woman in comics: an introductory guide*. Vermont: National Association of Comics Art Educators. Disponível em: <https://www.cartoonstudies.org/wp-content/uploads/2014/06/women.pdf>. Acesso em 01 mar. 2020.

SALIBA, Elias Thomé. História cultural do humor: balanço provisório e perspectivas de pesquisas. *Revista de História*, São Paulo, n.176, 2017. Disponível em: <http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/176/Hist%C3%B3ria%20Cultural%20do%20Humor.pdf>. Acesso em: 29 fev. 2020.

SOUZA, Worney Almeida de. A cidade e seu monstro. In: ARMOND, Francisco; SILVA, Renato. *Garra Cinzenta*. São Paulo: Conrad, 2011.

VERGUEIRO, Waldomiro. *Panorama das histórias em quadrinhos no Brasil*. São Paulo: Peirópolis, 2017.

VIANA, Aline Moraes. *Compreensão leitora e humor de histórias em quadrinhos em ELE*. Rio de Janeiro: UFRJ, Fac. De Letras, 2012. Tese de Doutorado em Letras Neolatinas.